

Educação Popular e práticas emancipatórias

Resumo

As experiências latino-americanas de educação popular são inúmeras e precisam ganhar visibilidade e reconhecimento. Isso implica em reconhecer, valorizar e fortalecer as experiências historicamente construídas visando a afirmação de identidades que se contrapõem ao modelo homogeneizador proposto pelo neoliberalismo. O artigo trata da educação popular desenvolvida na Diocese de Vacaria, RS, entre os anos 1985 a 1996. Busca desvelar as transformações ocorridas nos sujeitos participantes deste processo e sua inserção nos movimentos sociais populares. A valorização da história de vida, através do reconhecimento dos saberes construídos, deve motivar para a compreensão crítica do *vir a ser*, como diz Paulo Freire. Pela educação popular se fortalecem paradigmas que dão sentido à vida e pertença a comunidade. O texto apresentado tem como objetivo buscar perceber como a educação enraizada na história e nas lutas cotidianas dos sujeitos entrevistados, articulado a diferentes autores pode fundamentar uma pedagogia popular que transforme as práticas sociais.

Palavras-chave: Educação Popular. Movimentos Sociais

Cláudia Adriana Zamboni Rossi

Escola Estadual de Ensino
Médio Padre Pacífico
cadrianaz@hotmail.com

Educação Popular e práticas emancipatórias

A política neoliberal e de globalização excludente instaurada na América Latina como as demais regiões do mundo, não está isenta da influência social, econômica e política decorrente deste modelo. Uma das consequências mais devastadoras desta política além de produzir inúmeros problemas sociais desvalorizam, por não gerarem lucro, a cultura popular e as ciências humanas. Isso tende a modificar todas as formas de relações educacionais, afetando diretamente a cidadania e autonomia dos povos.

(...)Sedientos de dinero, los estados nacionales y sus sistemas de educación están descartando sin advertirlo ciertas aptitudes que son necesarias para mantener viva a la democracia. Si esta tendencia se prolonga, las naciones de todo el mundo en breve producirán generaciones enteras de máquinas utilitarias, en lugar de ciudadanos cabales con la capacidad de pensar por si mismos, poseer una mirada crítica sobre las tradiciones y comprender la importancia de los logros y los sufrimientos ajenos.(NUSBAUM, 2010, p. 20)

Em uma sociedade consumista e geradora de lucro, vai se estabelecendo uma considerável perda de valores indispensáveis para o futuro das relações democráticas e a vivência comunitária. Desvaloriza-se os saberes populares priorizando a ciência e tecnologia, onde o desenvolvimento tem uma visão limitada e limitadora, onde as ciências humanas são consideradas supérfluas no processo educativo, reduzindo-se os seus espaços consideravelmente, quando não os suprimindo.

O reconhecimento do sujeito é dado objetivamente, mas se percebe subjetivamente, a partir dos grupos sociais e culturais que pertence. O ser sujeito possibilita protagonismo e ação aos indivíduos e grupos sociais. Pela forma que os sujeitos vão sendo reconhecidos deixam de ser atores culturais, sociais, políticos, tornam-se agentes com consciência histórica, temporal, identitária, cultural. A percepção destes processos de educação popular que possibilita o “ser sujeito” indagou-me como de fato isto se dá na prática cotidiana a buscar experiências desta natureza na realidade local. Para isso o foco de estudo foi a Escola de Agentes de Pastoral da Diocese de Vacaria, RS.

Analisou-se o processo de educação popular que se deu entre os anos 1985 a 1996 em Vacaria, RS. Neste artigo analisarei as entrevistas realizadas com a metodologia de trajetória de vida, com perguntas abertas.

A concepção de prática é entendida como o agir coletivo, intencional guiado por objetivos, com direção dada pela teoria, que conduziu todo o trabalho desenvolvido. Fica evidente a articulação que é feita em todas as etapas da formação entre a realidade local, regional, nacional, internacional, com uma fundamentação teórica, buscada em várias fontes.

A teoria é vista na sua relação com a prática. É o pensar, a reflexão. É pensar a prática que produz e põe em movimento objetos e fenômenos. É relacioná-los entre si e com as situações onde estão ocorrendo; selecionar o importante e o secundário, ver semelhanças e diferenças, o específico e o global, penetrar nas aparências através das contradições da ação. Vemos a teoria como aquilo que dá sentido à realidade específica enquanto chega a entendê-la por dentro, o seu funcionamento interno, as relações externas, a sua história. (FLEURI, 1995, p.91)

Dessa maneira, a formação desenvolvida na Escola de Agentes Leigos guiou-se pela educação popular, pela práxis dialética, os sujeitos que fizeram parte deste processo de formação foram tornando-se agentes com consciência cultural e histórica. Por isso, ouvir e valorizar todos os participantes da escola, com suas experiências pessoais, é fundamental para a construção do conhecimento.

Podemos dizer que a partir da Escola houve um grande impulso, foi o grande determinante não só de igreja, mas de uma visão social, com a criação e organização de partidos de esquerda, a criação de sindicatos que respondessem aos apelos dos trabalhadores, do campo principalmente, e a Escola foi a grande bandeira e a grande luta iniciada por Dom Orlando Dotti, continuada por vários anos, no sentido de pôr a bíblia na mão do povo para que a partir dela e da realidade se pudesse tomar consciência de sua participação e de seus direitos, para lutar e defendê-los. (PRIAMO, 2012)¹

¹Édson Priamo, 25 anos de batina, atual coordenador do Santuário de Nossa Senhora Consoladora de Ibiaçá, RS, afirma que, a experiência de trabalhar na vila da Tuca, em Porto Alegre, durante o curso de Teologia, formando-se na ação, depois sua experiência da vila Gaúcha e o trabalho de formação com as lideranças e movimentos sociais, foi fundamental, para opção e continuidade da vida sacerdotal. Acredita que a experiência de caminhar junto com o povo e a confiança que Dom Orlando Dotti depositou neste grupo,

O crescimento pessoal e coletivo do grupo de agentes se efetivou na medida em que os participantes sentiram-se sujeitos e protagonistas das possibilidades de mudanças sociais necessárias em seu cotidiano. Há uma tomada de consciência da possibilidade de ação pelo grupo, que se manifesta nas opções que realizam de atividades concretas na sociedade.

Percebe-se que as opções feitas pelos participantes, em relação a ações concretas, faz com que haja um movimento em toda a comunidade uma vez que estas são atividades de impacto na conquista de direitos e na organização popular e política.

Saber que no início da escola tinha pessoas com dificuldade de dizer até o nome, por medo e falta de possibilidade de participação, e presenciar que saíram com a bíblia na mão, falando do projeto de Deus, querendo entrar nas lutas, nos sindicatos, nas organizações, nas cooperativas... Isso não precisa mais nada. A gente abriu a boca das pessoas com o trabalho de formação. Aquilo que estava sufocada em seus corações e suas gargantas; a gente abriu a boca para que falassem, dissessem; não tivessem medo das coisas de Deus e das suas necessidades, da organização necessárias para conquistar os direitos que se tem, dos sonhos que se precisa alimentar. (PRIAMO, 2012.)

O processo educativo que vai se desenvolvendo evidencia que os participantes vão tornando-se capazes de comparar, valorar, intervir, escolher, decidir, e agir, sendo sujeitos do mesmo. Freire (1999) contribui para a discussão do ser sujeito e não objeto, somos capazes de analisar a nossa realidade e propor mudanças. Esse processo e transformação de objeto em sujeito se dá pela integração do sujeito ao seu cotidiano em relação a outros sujeitos, pois juntos se fazem sujeitos e objetos da pesquisa, do aprender e ensinar. Para ele: “O mundo não é. O mundo está sendo. [...] Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar” (p. 85-86).

saindo do convencional da formação de sacerdotes, fez muita diferença na Diocese, com um novo fazer teológico.

Os sujeitos se constroem quando se relacionam entre si e com a realidade, havendo uma compreensão das experiências e saberes acumulados historicamente. Nesses encontros entre os sujeitos, em relação mútua, que foram se construindo, num processo de educação popular.

A Escola pela sua dinâmica, método, conteúdos e assessoria era "energética", aprendíamos a ler o mundo de uma forma que nos comprometia em lutar por mudanças e começamos multiplicando essa formação em nossa comunidade depois na matriz e muitas lideranças foram surgindo... (DAMIANI, 2012)²

Paulo Freire (1982) propõe uma educação libertadora e conscientizadora, na qual a construção do conhecimento ocorre quando o saber torna-se ação, um processo de mudança na consciência dos indivíduos pela luta – quando a leitura de mundo se torna consciente – para a própria transformação do meio social onde vivem.

Na maioria das entrevistas realizadas, os participantes da Escola destacaram que a metodologia utilizada pelos coordenadores da formação impulsionava para a possibilidade de um protagonismo, fazendo com que se sentissem sujeitos políticos. Também evidenciaram a importância da experiência e vivência de práticas sociais como necessários para confiarem nas próprias forças, superando o imobilismo e a apatia social.

Essa formação não ocorreu, ao acaso, mas por uma necessidade de formação de liderança, que viesse atender as necessidades de um novo tema de organização. [...] Foi a partir daí que sentimos que era chegada a hora de iniciarmos a nossa organização. Fomos estimulados para participar da direção dos sindicatos na região. Nos reuníamos nos porões, escondidos e dizíamos que íamos em um lugar mas íamos nos encontrar e discutir novas possibilidades de organização. A Escola nos ampliou os horizontes. (TESSARO, 2012)³

A estrutura e desenvolvimento do processo educativo executado na Escola de Agentes, estimularam a organização de movimentos sociais, opções de ação pastoral onde os participantes, os sujeitos, tornam-se sujeitos sociopolíticos, atuantes e críticos.

²Entrevista concedida por Maria de Lourdes Damiani, atualmente residindo em Porto Alegre, onde trabalha como diretora de Escola Instituição de Educação Infantil Casa da Criança Nossa Senhora Auxiliadora, que tem como mantenedora a Associação Beneficente de Senhoras São Francisco de Assis.

³Entrevista concedida por Luigi Tessaro, atual presidente do sindicato Rural de Ibiraiaras, em 2012.

Por isso, a educação popular perpassa todas as relações sociais, de sujeitos/agentes interativamente onde seus projetos de vida e ação são coletivos.

O trabalho da escola foi um trabalho muito importante, pois foi lá que aprendemos a fazer uma leitura de mundo, unindo a fé, a bíblia a nossa vida. Tínhamos uma visão estreita, mas com o que eles nos falavam foi abrindo o nosso jeito de trabalhar na comunidade. Fomos entendendo que é preciso não bater de frente com as ideias que estavam arraigadas no povo, mas ir aos poucos fazendo com que percebessem a realidade. Quando voltávamos para nossas comunidades, conseguimos ir avançando, aprendemos a nos relacionar com o povo. (TESSARO, 2012)⁴

Benincá (2002, p.76) reforça a ideia de que é necessário, como fica claro na citação, ter uma estratégia pedagógica coerente e, com uma visão dialógica, ir trabalhando a mudança de consciência a partir da “experiência do cotidiano cultural e da reflexão sobre si mesma. [...] A reflexão sobre si mesma possibilita descobrir o que deve ou não ser transformado. A ação pedagógica de transformar ou resistir faz da concepção do mundo ingênua uma ação reflexiva crítica.”

Nesta perspectiva, a reflexão que se fazia na Escola buscou desenvolver um espírito crítico das relações sócio históricas, compreendendo a concepção de mundo para que os envolvidos no processo realizassem a análise da ideologia que dá sustentação à consciência. “É por ela que o homem consegue uma conexão com o mundo e compreende-se como ser social e político” (GRAMSCI, 1978, p. 21). É dentro dos movimentos sociais organizados que os sujeitos participantes da Escola, pela mediação da educação popular abriram espaços para construir alternativas de autonomia e transformação social necessárias. Foram absorvidas novas formas de relacionamento onde o individual e o coletivo se entrelaçavam, onde as aspirações, angústias, sonhos eram vistos como possibilidade do grupo, que através de suas ações poderia forjar um novo por vir.

A educação popular entendida com uma clara intencionalidade pedagógica, manejada com seriedade e que requer estabelecer as sínteses entre o pequeno e o grande, entre o micro e o macro, entre o

⁴Entrevista concedida por Márcia Tessaro, uma das fundadoras do Sindicato das trabalhadoras rurais de São José do Ouro, em setembro 2012.

objeto e o sujeito, entre a necessidade material e a possibilidade de transcender [...] superar a visão meramente reivindicativa para provocar um processo de tomada de consciência. (HURTADO, 1992, p. 59)

Na educação popular se reconhece o caráter político da educação, sua intencionalidade e opção pela justiça e democracia, pela ampliação dos movimentos planejados pelos setores populares. Esse processo se apresenta de forma dinâmica, não é dado, mas construído; esse ponto fica claro quando se estabelecem maneiras de organização planejadas e assumidas pelo coletivo da Escola.

A Escola de Formação de Agentes de Pastoral sempre buscou partir da prática para estabelecer a importância que há nas opções que realizamos, uma vez que não há neutralidade. Toda a ação é encharcada de intenção, por isso, o processo de formação desencadeado, tem como meta tomada consciente de atitude.

[...] Hacer educación popular es reconocer el carácter político de la educación y su papel en la búsqueda de una sociedad más justa y democrática; es asumir una opción explícita por el fortalecimiento de las organizaciones y movimientos gestados por los sectores populares; es trabajar en la creación el desarrollo de las condiciones subjetivas que posibiliten las acciones emancipadoras y de transformación social por parte de estos sujetos populares; es generar alternativas pedagógicas, metodológicas y didácticas coherentes. (CARRILLO, 2008, p. 22)

Transformar a reflexão e o trabalho metodológico desenvolvido na Escola, em conscientização e engajamento, em ações concretas de mudança, é também um dos objetivos da educação popular que visa impulsionar a amplitude de todo o processo educativo. Esse, se efetiva no acompanhamento dos movimentos sociais, dos grupos da sociedade para que percebam seu lugar na história e não só façam parte destes, mas possam também representar engajamentos para uma ruptura na busca de novas possibilidades de organização de grupo.

A escola de formação diocesana para mim especialmente, contribuiu muito na minha formação, sendo uma pessoa que não tive a oportunidade de buscar uma formação de nível superior, a escola de formação preencheu uma lacuna que me habilitou para a vida e para a minha formação, para buscar desenvolver inúmeras atividades. Como compromisso e como a metodologia da própria escola estabelecia o método de ver, julgar e agir e o desenvolvimento das etapas inicialmente

começamos a aplicação de todos os ensinamentos da escola diocesana junto a nossa sociedade, através da Pastoral da Juventude. (PANISSON, 2012)⁵

Todo o processo de educação popular adotado pela Escola de Agentes Leigos de Pastoral da Diocese de Vacaria trabalhou com agentes advindos de determinadas culturas e contextos, e nelas se apoiou para impulsionar o seu agir. Estes já pertencem aos grupos sociais, é necessário, portanto, usar esta realidade como base de reflexão. Freire quando fala dessa necessidade refere-se ao: “[...] tomar posse da realidade [...], é o olhar mais crítico possível da realidade, que a *des-vela* para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante” (1980, p. 29).

A percepção da importância de se conhecer criticamente a realidade, que nasce da vida concreta dos entrevistados, evidencia-se quando afirmam que algo novo foi sendo desvelado no meio dos problemas e dificuldades que se apresentavam nas relações sociais. Ao conhecer a realidade se busca alternativas para ultrapassar limites. Ao relatar o processo interno de mudanças, os envolvidos na formação vão demonstrando a capacidade de senso crítico que nasce deste momento:

As reflexões que a escola fazia baseada em temas da igreja ou da própria bíblia, em confronto com a nossa realidade, com o nosso dia a dia a gente fez e se deve fazer hoje, fé e vida né, então a gente conseguia fazer um bom debate nessa realidade, e isso serviu muito para gente no dia a dia de hoje a trabalhar e após vários momentos de estudo, nessa área a gente foi desafiado: “agora que a gente discutiu tanto vão fazer o serviço por aí”, [...] todo o processo de formação foi um desafio grande e que não esqueci mais, levo pra sempre e acredito que vai ajudar a nortear a nossa ação nos vários espaços que a gente participa no dia a dia [...] a gente pega a atividade que nós temos e transformamos numa militância em prol da construção da vida das pessoas, como eu sou agricultor não posso continuar a ajudar deteriorar, temos uma agricultura totalmente danosa ao meio ambiente e nós acreditamos que temos que fazer ao contrario, por isso acredito que a agroecologia é um fazer a diferença neste mundo. (PÉRTILLE, 2012)⁶

⁵Entrevista concedida por Valdecir Panisson, de Vacaria, atual Secretário do Desenvolvimento Social e Habitação. Julho, 2012.

⁶Entrevista concedida por Ademir Antônio Pértile, que atualmente é agricultor familiar, agro ecologista certificado, e residente da Capela São Paulo Apóstolo, em Sananduva, também faz parte do conselho comunitário da comunidade, em 2012.

O projeto assumido pela Escola tem a intenção clara, através de seu conteúdo articulado e contextualizado com o cotidiano, as dificuldades e expectativas dos participantes, a transformação da ação social. Buscou, para tanto, desenvolver pelo apoio e condução pedagógica o autodiagnóstico do contexto, prática e concepção, de acordo com uma teoria dialética para sustentar a própria prática.

A escola desenvolveu-se com uma participação autêntica dos envolvidos, desde os educadores/orientadores, até os agentes, sujeitos do processo. Isso fica evidente quando ouvimos os organizadores/articuladores da formação, que ao relatarem a dinâmica e conteúdos trabalhados, demonstram uma unicidade nas afirmações e informações prestadas nas entrevistas. É no sentido de formação continuada que vai se efetivar esse processo que é dinâmico e aponta para o início de algo maior que a própria escola, como afirma um dos organizadores:

A Escola foi um primeiro passo de formação, após vieram as Escola de Núcleo assessoradas por essa coordenação e pelas lideranças que fizeram a Escola em Vacaria, se deu em todos os núcleos da diocese várias etapas também com uma intensa participação e o terceiro momento os que participaram nessa Escola de Núcleo passaram a assessorar as Escolas Paroquiais, também normalmente aconteciam num final de semana em todas as Paróquias da Diocese de Vacaria. Em muitas Paróquias ainda da Escola Paroquial foi para o nível de comunidade, então na pequena comunidade do interior tinha é organizado, estruturado um processo de formação que se atingia toda a comunidade assessorado pelas que fizeram a Escola Paroquial, fortaleceu na Diocese os chamados Grupos de Família e tínhamos assim um trabalho extraordinário, eram muitos os Grupos de Família na Diocese, eram aos milhares o número de grupos [...] estudavam, rezavam, debatiam a partir daquele manual, daquele livretinho elaborado em nível de Diocese, fruto desse processo de formação. Foi um tempo de muito conflito, mas foi um tempo de muita maturidade de muito crescimento em que se aprofundou a raiz da fé e a raiz social do povo de Deus, é fruto desse processo todo a conquista dos Sindicatos em toda a região, então nessa Escola organizávamos as chamadas, lutas sindicais, derrubaram os chamados na época sindicatos pelegos, em praticamente todos municípios tinham as oposições sindicais e a conquista dos sindicatos e ganhamos isso em quase toda a Diocese. Isso foi uma guinada histórica em uma região conservadora. (PRESSENDO, 2012)

O trabalho desenvolvido, tendo como objetivo impulsionar para ações mais comprometidas com a transformação social, vai favorecendo a tomada de decisão pessoal dos agentes de pastoral por práticas sociais que melhor responderiam aos seus anseios e preocupações. Segundo Frei Betto (2000, p. 5) é preciso que as ações assumidas pelos agentes siga as cinco esferas sociais, para que sejam consideradas ações de luta e espaços de organização. São esferas de articulação dos movimentos sociais: pastorais e Comunidades Eclesiais de Base; movimentos populares (bairro, mulheres, negros, sem terra, sem teto, ecológico, etc.); movimento sindical; partidos políticos; administrações populares.

Nesta perspectiva, a conscientização é resultado de um processo educativo, que parte da própria participação social e política, enquanto processo de reflexão. De acordo com Freire “A conscientização não pode existir fora da ‘práxis’, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens”. (1980, p. 26)

Nesse sentido, a metodologia de formação desenvolvida durante o processo baseada na proposta do Ver, Julgar, Agir e Celebrar, vai estabelecendo as mudanças em relação à visão de mundo e apresenta um horizonte de uma nova sociedade, fazendo com que a reflexão sobre as ações assumidas nas lutas sociais, exerça um papel fundamental sobre esta práxis social. Freire, (1980) apresenta a utopia como um modo de estar-sendo-no-mundo, que exige um conhecimento da realidade, pois o conhecer dá a possibilidade de *pro-jetar*, lançar-se adiante, buscar. Por ser inconcluso, o homem busca o eixo que o faz ser capaz de caminhar para a frente na realização de sua história, a esperança.

A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica utopia. Quanto mais conscientizados nos tornarmos mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Mas esta posição deve ser permanente: a partir do momento em que denunciemos uma estrutura desumanizante sem nos comprometermos com a realidade, a partir do momento em que chegamos à conscientização do projeto, se deixamos de ser utópicos nos burocratizamos; é o perigo das revoluções quando deixam de ser permanentes. Uma das respostas geniais é a da renovação cultural, esta dialetização que, propriamente falando, não é de ontem, nem de hoje, nem de amanhã, Mas uma tarefa permanente de transformação. (FREIRE, 1980, p. 28)

Dessa forma aponta-se para a necessidade, seguindo as exigências da lógica utópica, de o processo de conscientização ser um ato contínuo. É imprescindível que os sujeitos sempre projetem sua nova ação, pela práxis que é esse movimento contínuo de busca do “ser mais”. A utopia aqui concebida, num fazer freireano, de “tornar possível o impossível”, é um ato de liberdade.

O que sou hoje é fruto da minha história que começou em 1984/85, quando participei da Escola de Agentes de Pastoral, participei como aluna, depois como monitora das escolas paroquias. Principalmente pelo despertar da igreja, da luta dos trabalhadores em especial das mulheres trabalhadoras rurais, que nos fez enxergar que a sociedade pode ser pensada e gerida de forma diferente. Estávamos no auge dos movimentos populares, oposições sindicais, do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) embora na diocese nunca tenha sido muito expressivo, muitas lideranças saíram daqui, para atuar no movimento. (BONÊS, 2012)⁷

O processo de formação desenvolvido pela Escola foi sendo visualizado pelos participantes como uma possibilidade de crescimento pessoal e comunitário.

O desenvolvimento da Escola não se tratou de um curso, mas de um processo de formação, onde a organização, os conteúdos, a mística, aliados à uma metodologia adequada, foi construindo o conhecimento coletivamente e impulsionado para um compromisso social concreto. Essa experiência foi fundamental para ajudar a pensar na superação das práticas educativas, em escolas ou fora delas, que primam por ações isoladas e fragmentadas. A educação como processo tem uma visão ampla de formação e de intervenção na realidade.

A metodologia adotada foi se constituindo no sentido de fornecer subsídios de reflexão aos participantes sobre os modelos de organização da sociedade, com uma visão dos temas macro-políticos e macro-econômicos. Também despertando a vontade e ousadia para que buscassem novas formas de exercício de cidadania, junto aos movimentos sociais, política partidária, sindicatos, entre outros, num trabalho de crescimento coletivo.

⁷Entrevista concedida por Gessi Terezinha Bonês, atualmente secretária da Saúde de Ibiraiaras, RS. Julho de 2012.

Pode-se perceber nas falas dos sujeitos envolvidos no trabalho da escola o que nos lembra Freire (1983) quando declara que a educação em processo se dá de forma dinâmica e permanente do conhecimento onde a centralidade está na descoberta, na análise e transformação da realidade pelos que a vivem. Quando a situação dos educandos é colocada como o problema que os desafia, vai impulsionando para a participação de forma efetiva e comprometida, buscando formas de superação. Neste sentido, é impossível separar o sujeito da pesquisa de seu contexto, por ser este um ser social, ou seja, os homens e mulheres fazem a sociedade da mesma forma que são feitos por ela.

Na escola amadureci para a luta. A 1ª fase se referia a caminhada do povo em busca da terra prometida. Na época fizemos estágios, o 1º foi a visita a paróquia da Glória que estava sendo construída, então se relacionou a construção com a favela do bairro municipal, se relacionava que enquanto a igreja se preocupava com obras e monumentos, o povo vivia sem o mínimo de condições de sobrevivência; 2ª foi visitar o abrigo de menores Lar Divina Providência, e depois comparamos com a criação de cavalos do Sr. Randon, vivenciar na prática o que se estudou na teoria. Quando chegamos foi o choque, o tratamento que os animais recebiam: para entrarmos precisamos passar por vários espaços com tapetes para se desinfetar e não contaminar os animais; só para um animal tinha a disposição 8 hectares de terra. Isso fez com que muitos de nós chorássemos ao ver a desigualdade que há no mundo; o 3º estágio, após ser trabalhado as conquistas do povo, foi a visita ao 2º acampamento de Sarandi, na fazenda Anoni, a terra deles andava 80 Km de lado a lado sem função nenhuma; na ocasião Dom Orlando Dotti estava conosco e estava fechado por 200 homens da polícia militar, que só deixariam entrar o bispo. Dom Orlando disse que se meu povo que veio comigo não pode entrar também não entro. Entramos e realizamos uma celebração linda [...] foi uma coisa que marcou muito a luta pela terra e daquele dia em diante me engajei na defesa da luta pela terra, dos movimentos sociais. (BOENO, 2012)⁸

A ação reflexiva que a Escola de Agentes de Pastoral foi realizando ao longo das etapas de formação vai clarear a percepção que nasce da vida concreta dos entrevistados quando afirmam que suas vidas mudaram a partir dela, abrindo

⁸Entrevista concedida por Isabel da Silva Boeno, coordenadora do Centro de Entidades assistenciais de Vacaria (CEAVA) em Vacaria, 2012.

possibilidades para a mudança do seu agir, dando novos sentidos ao construir conhecimentos significativos e propositivos.

A relação pedagógica que se estabelece na formação dos sujeitos leigos aponta, segundo Benincá (2004, p. 58), para “uma ação transformadora, pois processa-se pela reavaliação que a consciência faz dos sentidos nela existentes. [...] Não há como pensar a transformação sem que a consciência se confronte consigo mesma.” É esse processo de participação que leva a crítica e a autocrítica, numa práxis que vai modificando a visão de mundo dos sujeitos e, por conseguinte, sua prática.

Nas análises feitas das entrevistas se pode perceber que os participantes do processo de formação, foram sentindo-se empoderados⁹, característica da educação popular, que pela pedagogia dialógica vai possibilitar este exercício de tomada de consciência.

A articulação da teoria com o cotidiano revela uma educação que se converte em um novo fazer pedagógico que compromete e humaniza. Como nos diz Freire (1982, p. 109) “a reflexão só é verdadeira quando nos remete, como salienta Sartre, ao concreto sobre o qual a exercemos. [...] a conscientização é um esforço crítico de desvelamento da realidade.” Neste aspecto, fica evidente a intencionalidade pedagógica adotada pela Escola de Agentes de Pastoral: empoderar os agentes leigos para o engajamento social.

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas ‘originais’; significa também e, sobretudo difundir criticamente verdades já descobertas, ‘socializá-las’, por assim dizer, transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar, coerentemente e de maneira unitária, a realidade presente é um fato ‘filosófico’ bem mais importante e ‘original’ do que a descoberta, por parte de um ‘gênio’ filosófico, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos de intelectuais. (GRAMSCI, 1991, p. 13-14).

⁹Segundo Pereira, 2006, “Empoderamento” significa em geral a ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos sociais. Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação de uma situação particular (realidade) em que se encontra, até atingir a compreensão de teias complexas de relações sociais que informam contextos econômicos e políticos mais abrangentes. O empoderamento possibilita tanto a aquisição da emancipação individual quanto a consciência coletiva necessária para a superação da “dependência social e dominação política”

Torna-se evidente nos temas e metodologias adotadas e nos objetivos da Escola que houve um planejamento pautado para que as práticas proporcionadas pela formação desenvolvessem, de fato, possibilidades emancipatórias, onde os sujeitos sentissem-se portadores de uma contra hegemonia, precisando estar fortificados para superação do senso comum em vista de uma consciência crítica. Além, de perceberem-se como um grupo “formado” para a multiplicação do que se desenvolvia no processo de educativo.

Para mim a escola foi tudo. Se não fosse a escola, se não fosse o Dom Orlando ter sido escolhido, convidado pelo Pe. Edson e o Pe. Cláudio para participar, eu hoje era um *João ninguém*, um sem compromisso com a vida e com o mundo. Acredito que na verdade a escola que abriu meus olhos para perceber a vida e compreender as relações de poder. Fico emocionado, pois tudo o que a gente faz a gente para e pensa, tudo por causa da escola, a gente ajudou a melhorar a vida das famílias. Que a partir da escola e da atuação da gente conseguiram ter mais dignidade, dar um passo, isso para a gente é muito gratificante. Uso os parâmetros de análise que aprendi na escola, avaliar bem, pensar para depois agir. Dentro da metodologia do ver-julgar e agir. (TESSARO, 2012b)

As entrevistas concedidas pelos participantes da Escola, mostram a importância da mesma na mudança de atitudes frente à realidade. A emoção com que os entrevistados relembram estes momentos em suas vidas aponta para a relevância que todo esse processo teve. A partir dessa participação houve uma guinada em seu agir.

Freire em suas obras deixa evidente sua posição na sociedade, na vida, na educação diante do outro. Aponta sempre para a necessidade de refletir sobre os limites dos processos educativos, porém deixa clara a responsabilidade que temos diante os sujeitos para despertar o assumir de construção de uma sociedade mais democrática e humana. Isso, ao que transparece nas falas, a escola fez com competência.

[...] A escola de formação nos mostrou um outro lado, onde uma nova sociedade é possível, e que através da formação de seus agentes, de pessoas, conseguiria trabalhar dentro desse contexto social adverso e quem sabe através dela criar uma alternativa desse projeto. Estabelecer uma diferença entre o comum e o normal, é reverter essa situação, é trabalhar para reverter esse processo. As pessoas não entram numa situação de vulnerabilidade social por vontades próprias, elas estão como resultado de um processo de concentração de renda, um processo de falta de oportunidade, o sistema é falho, quando o sistema for e oferecer

todas as condições a todos, com certeza nós estaremos trabalhando com uma caminhada de forma normal. (PANISSON, 2012.)

Percebe-se que ao relatarem a importância da Escola em suas vidas, os sujeitos entrevistados demonstram um encantamento, uma visão de pertença a um grupo que pensa a possibilidade das transformações nas relações sociais, impulsionando-os para o protagonismo da história. Em suas falas, pode-se sentir o grau de envolvimento que têm com a formação recebida, além da responsabilidade que demonstram ter com uma visão diferente das relações sociais.

Considerações finais

Percebe-se que ao longo do trabalho realizado na Escola houve uma clara opção por uma concepção de educação popular onde a práxis dialética vai produzindo e transformando todo o processo em um forte compromisso ético de sociedade, que por estar enraizada nos contextos, vai comprometendo-se com os sujeitos imersos nestes.

O saber que foi sendo tecido neste processo de formação objetivou despertar o senso crítico sobre a organização da sociedade, as desigualdades sociais, os compromissos e as possibilidades de atuação dos sujeitos nas transformações necessárias.

As experiências dialógicas e os múltiplos olhares produzidos pela educação popular constroem perspectivas e oportunidades de avanço de novas formas de conceber a educação que valorizem a participação e o diálogo. Essa concepção contribui para uma compreensão estrutural das injustiças e dos problemas sociais, bem como das alternativas de superação de uma visão colonialista, numa evidente mudança de compreensão da realidade.

Conversar com os sujeitos participantes da Escola de Formação, com base na educação popular, que afirmavam que tinham “dificuldade de dizer até o nome, por medo e falta de possibilidade de participação (...)” e verificar a liderança que se tornaram em suas comunidades, reafirma a importância da valorização das potencialidades dos educandos.

Como, no processo educativo, a construção dos sujeitos teve um objetivo maior: a passagem de uma visão ingênua para um senso crítico. Potencializar esta oportunidade de educação popular, com componentes que constituam o referencial a partir de uma perspectiva libertadora motiva a aprofundar a pesquisa neste campo.

Ao constatar o desenvolvimento da autonomia através das ações realizadas, se pode vislumbrar alternativas de políticas de formação continuada onde a construção coletiva e a reflexão dialógica despertam a disposição para a mudança com a contribuição individual para o coletivo, nos movimentos sociais.

Referências

ASSMANN, H. *Teologia desde la praxis de la liberación*, Salamanca, Sigüeme, 1976.

BENINCÁ, Elli. *O senso comum pedagógico: práxis e resistência*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

BENINCÁ, Elli. *Educação-práxis e ressignificação pedagógica*. Passo Fundo: UPF, Passim, 2010.

BETTO, Frei. *Diário de Puebla*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

BEZERRA, Aída e BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A questão política da educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARRÍLLO, Afonso Torres. *La Educación Popular-Trayectoria y actualidad*. Editorial El Buho Ltda, 2008, 2ª ed.

DUSSEL, Enrique. *Ética de la liberación en la edad de la globalización y de la exclusión*. Madrid: Trotta, 1998.

GHISO, Marco et.al. *Pedagogia da Educação popular*. Contexto e Educação, Ijuí: UNIJUÍ, nº 23, jul/set. 1991.

FÁVERO, Osmar. *Uma pedagogia da participação popular; análise da prática pedagógica do MEB–Movimento de Educação de Base, 1961-1966*. Campinas: Autores Associados, 2006.

FLEUIRI, Reinaldo et.al. *Sociedade Civil e Educação. Contexto e Educação*. Ijuí: UNIJUÍ, n. 38, abr/jun, 1995.

FREIRE, Paulo. *A pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática Pedagógica*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Conscientização: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. *Terceiro Mundo e teologia. Carta a um jovem teólogo*. IN TORRES, C (org). *Consciência e história: La Práxis educativa em Paulo Freire*. México: Ediciones Guernika, 1977.

_____. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GRAMSCI, *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HURTADO, Carlos; FRANCO, Maria. *Pedagogia da Educação popular e Políticas da Educação*. Contexto e Educação, Ijuí: UNIJUÍ, n. 26, abr/jun, 1992.

NUSSBAUM, Martha C. *Sin fines de lucro. Porqué la democracia necesita de las humanidades*. Argentina: KATZ, 2010.

PALUDO, Conceição. *Educação Popular em busca de alternativas: Uma leitura desde o Campo Democrático Popular*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Camp, 2001.

PEREIRA, Ferdinand Cavalcante. *O que é empoderamento (Empowerment)* In __: Sapiencia-Informativo científico da FAPEPI. Terezina. Nº 8, ano III, 2006.

SEMERARO, G. *Intelectuais “orgânicos” em tempos de Pós-modernidade*. Cad. Cedes, Campinas, vol.26, n.70, p.373-391, set./dez, 2006. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 24 de nov. de 2012.

SCIARRETTA, Massimo. *O pensamento de Gramsci e a Teologia da Libertação: diálogos para a construção de “um outro mundo possível.”* 2011. Disponível em <http://www.gramscieamodernidade.org/>

SOUZA, J. F. *Perspectivas da educação popular na década de 90*. n. 56, ano 11, out./dez. Brasília, 1992.

SOUZA, Ana Inês. *Relação entre educação popular e movimentos sociais na perspectiva de militantes-educadores de Curitiba. Um balanço das décadas de 1980 e 1990 e os desafios da realidade atual*. Dissertação de Mestrado em Educação e Trabalho. Curitiba: UFPR, 2003.

STRECK, Danilo. *A educação popular e a (re)construção do público. Há fogo sob as brasas?* Rev. Bras. Educ. v.11 n 32 Rio de Janeiro: mai/ago, 2006.

WANDERLEY, L. E. W. *Notas Sobre Educação Popular*. In __: BEOZZO, O. J. Curso de Verão. ano 4. São Paulo: Paulinas, 1990.

Entrevistas

BOENO, Isabel da Silva. Entrevista concedida, 03 abr. de 2012.

BONÊS, Gessi Terezinha. Entrevista concedida, 25 abr. de 2012.

DAMIANI, Maria de Lurdes Fortuna. Entrevista concedida, jul. 2012.

DOTTI, Dom Orlando. Entrevista concedida, em mar./ abr./ out. 2012.

FRACASSO, Vera Lucia. Entrevista concedida, 14 out. 2012.

MICHELIN, Genoveva Maria. Entrevista concedida, 23 mar. 2012.

PANISSON, Valdecir. Entrevista concedida, 03 abr. 2012.

PÉRTILE, Ademir Antonio. Entrevista concedida, 2012.

PRANDO, Celso. Entrevista concedida, out. 2012.

PRESSENDO. Cláudio Antônio. Entrevista concedida, em jul. 2012.

PRIAMO, Édson José. Entrevista concedida, em mai. 2012.

SILVA, José Antônio Souza. Entrevista concedida, em jul.2012.

TESSAROb, Leo. Entrevista concedida, 03 abr. 2012.

TESSAROc, Luigi. Entrevista concedida, 05 abr. 2012.

TESSAROa, Márcia Salete Zapparoli. Entrevista concedida, 3 abr. 2012.